

# Reportagem

# Direto do sol nascente

Há 50 anos, **Santa Maria** recebia os primeiros imigrantes **japoneses**, que buscavam uma vida nova no **Ocidente**

**Mauren Rigo**

mauren.rigo@diariosm.com.br

**O** Brasil dos sonhos nem sempre condiz com o Brasil da realidade. Que o digam italianos, alemães, japoneses... No sonho, estão a fortuna, a fartura, a felicidade. Na realidade, a história muda de figura. O trabalho pesado, as péssimas condições de higiene, a falta de eletricidade e a saudade de casa só não fizeram imigrantes desistir do sonho porque eles eram movidos por um sentimento único: a esperança.

Certas de que a vida seria melhor – mesmo em uma terra tão distante com língua, culinária, vestimentas e hábitos diferentes –, famílias de japoneses fizeram suas malas há 100 anos, dando início à corrente migratória que trouxe ao Brasil o povo dos olhos puxados. Cinquenta anos depois, mais precisamente em 23 de março de 1958, os nipônicos apostaram em Santa Maria.

A colônia japonesa comemora o cinquentenário de sua chegada na cidade desde o ano passado. Entre as atividades,

está a 1ª *Exposição em Homenagem à Imigração Japonesa em Santa Maria*, que reúne fotografias, roupas e objetos dos imigrantes no Centro Ferroviário de Cultura. Ali, é possível mergulhar no universo oriental e perceber o quão diferente e instigante é a cultura japonesa.

Neste meio século que se passou, os japoneses ganharam seu espaço e, aos poucos, foram abandonando a agricultura. Quando vieram ao Brasil, fizeram um contrato que lhes obrigava a trabalhar com a terra por cerca de três anos. Embora o acordo os limitasse a conseguir outros empregos, era o que a maioria sabia fazer. Afinal, no país do sol nascente, sempre foi muito comum plantar e se alimentar de legumes e verduras.

Muitos dos que vieram a Santa Maria tiveram um destino diferente dos que se instalaram em São Paulo. Embarcados no *Kasato Maru* – o primeiro navio de imigração japonês a aportar no Brasil em 18 de junho de 1908, com 165 famílias –, os japoneses foram influenciados a sair do seu país pela situação que se encontrava o Japão. Na época, a nação passava por uma crise, impulsionada pela me-

canização da agricultura. Muitos trabalhadores do campo empobreceram e se mudaram para as cidades. Com uma superpopulação, o jeito foi buscar outros países, como o Brasil, que precisava de mão-de-obra para trabalhar nas lavouras de café paulistas.

Quem veio nas primeiras levas, rumo a São Paulo, precisou encarar embarcações precárias e não tinha muito conhecimento sobre o Brasil. Sem falar na pressão que sofreram, principalmente, durante a 2ª Guerra Mundial, quando o Brasil entrou na briga contra os países do Eixo (Itália, Alemanha e Japão).

Mas a história da imigração japonesa em Santa Maria foi um pouco diferente. Isso porque os tempos eram outros. A saga nipônica que se desenhou em torno de Santa Maria começa no Porto de Kobe, no Japão, em 1957. Os japoneses tentavam fugir do caos que assolava o país, ainda devastado por duas bombas atômicas e pelas crueldades da segunda grande guerra. Do porto japonês, saíram famílias que desembarcaram no Brasil. Mas, antes de pisar em terra canária, os orientais foram de navio a Los Angeles,

passaram pelo Canal do Panamá e desceram o litoral brasileiro até chegar ao porto de Rio Grande. De lá, 33 famílias (cerca de 180 pessoas) seguiram para a Fazenda São Pedro, na Fronteira com a Argentina, para trabalhar em lavouras. A fazenda era de João Batista Luzardo, amigo íntimo de Getúlio Vargas.

– Desde as primeiras imigrações, trabalhar no Brasil era um bom negócio, já que para eles o salário era um absurdo se comparado com o que ganhavam no Japão. Lá, havia muita gente e pouca comida – conta o professor de História da UFSM, André Soares, que está escrevendo um livro sobre a imigração.

Mas os planos de enriquecer no Brasil para voltar para casa no futuro não saíram como o esperado.

– A passagem do navio era descontada do salário dos imigrantes, e a comida tinha preços superfaturados. Logo, eles estavam sempre devendo para alguém. Foi uma ilusão – diz o professor, que estuda a cultura japonesa há cerca de três anos.

Na fazenda, cada casa abrigava quatro famílias. Não havia energia elétrica nem água encanada. Magoados e endividados,

REPRODUÇÃO



Em 1957, famílias japonesas embarcaram em um navio, no Porto de Kobe, com destino ao Brasil. No grupo, estão imigrantes que vieram a Santa Maria